



EDUCAÇÃO EM FOCO

23 e 24 de março de 2021



RELATO DE EXPERIÊNCIA:

Montagem de uma videoaula em período de pandemia do COVID-19.

Guilherme O. de PAULA¹

RESUMO

O presente relato disserta sobre a experiência vivida com as turmas do 8º ano A e B, da Escola Estadual Cesário Coimbra, entre outubro de 2020 e janeiro de 2021. Considerando o contexto delicado que vivemos de pandemia, foi utilizado o ambiente virtual como meio de interação e de desenvolvimento das aulas, com o objetivo de levar aos alunos conhecimentos sobre a educação física, bem como novas vivências e materiais em relação ao modelo que estão habituados, proporcionando-lhes novas experiências e meios de desenvolverem e se relacionarem com o conhecimento.

Palavras-chave: Ensino Remoto; Peteca; Plano de Estudo Tutorado; Isolamento Social; Educação Física Escolar.

INTRODUÇÃO

Segundo Freire (1996), como professores na atualidade não podemos desconhecer a tecnologia, mas devemos usá-la, sobretudo, discuti-la e trazer os benefícios que ela proporciona a nosso favor, para as nossas aulas. Essa referência se faz muito atual, principalmente nesse contexto de pandemia do COVID-19, o qual nos impôs uma nova ordem e um outro ritmo em termos de convívio social e proximidade, em que a tecnologia tem sido fundamental para mantermos o contato com os estudantes.

Nesta perspectiva Freiriana, este trabalho visa relatar uma das experiências que foram vivenciadas por um aluno do curso de licenciatura em educação física e participante do programa Residência Pedagógica. Com o início no mês de outubro, participamos de um grupo de oito estudantes e com ele trabalhamos por seis meses, dentro do ensino fundamental 2, na Escola Estadual Cesário Coimbra nas turmas de 8º ano (A e B), em Muzambinho.

¹Bolsista Residente: Guilherme Oliveira de Paula – IFSULDEMINAS *Campus* Muzambinho.
guiredfield.go@gmail.com

Dentre outras vamos descrever sucintamente uma experiência significativa: a montagem de uma videoaula sobre o PET (Plano de Estudos Tutorado) *300 Anos Comemorativos de Minas Gerais*. Das diversas experiências esta foi a escolhida, pois apesar da pouca adesão dos alunos conseguiu ser a mais atraente entre eles e a produção do vídeo foi muito prazerosa para os residentes. O PET foi um material produzido para comemoração do aniversário do estado de Minas Gerais e cada dupla de residentes poderia escolher um tema entre Religiões de Matrizes Africanas no Brasil, a Congada no Brasil e em Minas Gerais, Festa Junina e Comunidades Indígenas de Minas Gerais. A minha dupla, composta por Maria Laura Oliveira e eu, escolheu o tema dos Jogos Indígenas na qual destacamos, para contribuir com a tematização das práticas corporais, o jogo da peteca.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com CEDEFES (2017) as culturas indígenas de Minas Gerais têm suas próprias características e especificidades, enfatizando o respeito e admiração a seus conhecimentos tradicionais, ao seu notório saber, seu território, práticas socioculturais e religiosas.

Ainda segundo CEDEFES (2017), os jogos indígenas são uma base das culturas tradicionais, o qual promove o encontro e a socialização entre as diferentes comunidades e povos, com base nos valores originais e do intercâmbio entre as etnias.

MATERIAL E MÉTODOS

Para as aulas, utilizamos a plataforma do *YouTube* e aplicativo *WhatsApp*, gravamos vídeos com aparelhos celulares e notebooks, usamos também vários materiais alternativos na montagem de duas petecas, entre eles sacolas plásticas, palhas e folhetos de supermercados. Na produção da videoaula trabalhamos com as descrições das atividades habituais e antigas dos índios, abordamos as localidades das tribos e falamos também sobre os seus jogos e tradições. Para tal empreitada consultamos o site do CEDEFES (Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva), onde buscamos informações sobre os povos indígenas de Minas Gerais, fontes seguras e de alta confiabilidade, que nos serviu de apoio. Dentro deste tema especificamos os jogos e focamos na criação de uma peteca, um brinquedo de origem indígena brasileira, que tomou proporções mundiais, se tornando ao longo do tempo um esporte oficializado e reconhecido. Assim, o foco do trabalho foram os índios de Minas Gerais. Em um primeiro momento contextualizamos o tema dissertando sobre as tribos, seus nomes e um pouco da cultura. Logo ao entrar no tema de jogos e brincadeiras colocamos um desafio para que alunos confeccionassem sua própria peteca.

Para uma avaliação simples e interativa, lançamos o desafio de montarem sua própria peteca feita de materiais alternativos. Construímos durante o vídeo dois modelos e propusemos aos adolescentes que nos retornassem enviando imagens ou vídeos de suas produções.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da vivência das aulas na escola, podemos relevar as seguintes questões sobre o primeiro período:

1. Conseguimos pouco contato com os alunos, pois tivemos pouco retorno das atividades, os mesmos estavam focados em atividades dos outros PETs;
2. Houve um retorno positivo do vídeo, mesmo que muitos alunos não montaram seu material como devolutiva, a maioria visualizou o vídeo, e os que fizeram a proposta relataram prazer em montar o item e brincar com sua família.

Mesmo à distância foi possível interagir e criar possibilidades de aprendizados com os alunos, os quais estavam distantes no *WhatsApp* e trocaram poucas palavras conosco. Dentre os motivos para tal distanciamento dos alunos percebemos que muitos não tinham familiaridade com as tecnologias ou não possuíam recursos para fazerem trabalhos elaborados. Por outro lado, os pais eram ativos na vida de muitos deles e contataram a professora pela rede social tirando dúvidas e interagindo em certos conteúdos.

CONCLUSÕES

A primeira etapa do Programa Residência Pedagógica foi uma experiência muito importante para nossa graduação e através dela conhecemos um pouco da realidade de um professor e de seu trabalho. Pudemos vivenciar as dificuldades e os desafios, bem como a alegria em instruir os estudantes e motivá-los, e isso nos preparou para encarar a realidade que nos aguarda, sabendo das dificuldades e das recompensas da profissão.

Para FREIRE (1996), formar pessoas é muito mais que treinar e depositar conhecimentos simplesmente (em nossa área Educação Física, é mais do que ensinar técnicas de desenvolvimento motor). Sendo assim, para formar seres pensantes e críticos, necessitamos de ética e coerência, esta vivência é uma base importante da minha carreira, ela me abriu portas para atuar junto a profissionais excelentes e que têm um pensamento voltado para o conhecimento e o diferencial dele na vida do aluno.

Por fim posso afirmar que dentro desta experiência, pude ter a breve vivência, mesmo que distante presencialmente de que os alunos têm um interesse e sede de aprender, a pandemia modificou

essa motivação e nós estamos nos adaptando, assim como eles a essa nova realidade, fiquei imensamente feliz em participar do programa e poder aprimorar meus conhecimentos na educação física.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio do Instituto Federal do Sul de Minas – Campus Muzambinho em parceria com o Programa Institucional de Residência Pedagógica - RP, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES - Brasil.

REFERÊNCIAS

CEDEFES - Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva. Povos indígenas de Minas Gerais. 2017.Disponível em: <<https://www.cedefes.org.br/povos-indigenas-destaque/>>. Acesso em: 05 de março de 2021.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.